

O ESPAÇO QUE AS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS OCUPAM NO ENSINO:

o preconceito linguístico no ambiente escolar¹

THE SPACE THAT LINGUISTIC VARIATION HAVE IN TEACHING:

linguistic prejudice in the school environment

Emanuelle Fontinele da Silvaⁱ

RESUMO: O presente artigo dispõe-se retratar a presença do preconceito linguístico existente no ambiente escolar. Busca refletir sobre quais práticas pedagógicas são desenvolvidas para suprimir presentes e futuros preconceitos linguísticos. A fundamentação teórica está embasada em Marcos Bagno e Sergio Leite. Foi desenvolvido um estudo de caso, com abordagem qualitativa e entrevistas semiestruturadas, realizadas com professores alfabetizadores dos anos iniciais do ensino fundamental de escolas municipais de Sinop, Mato Grosso, no ano de 2023. É visto que o preconceito linguístico se faz presente no ambiente escolar, porém, é necessário uma revisão quanto as didáticas aplicadas diante dessa problemática, pois são escassas.

Palavras-chave: Preconceito Linguístico. Alfabetização. Ensino.

ABSTRACT²: This paper aims to show the presence of linguistic prejudice in the school environment. It seeks to reflect on which pedagogical practices are being developed to suppress present and future linguistic prejudices. The theoretical foundation is the works of Marcos Bagno and Sergio Leite. A case study was developed with a qualitative methodology, and semi-structured interviews of Primary Literacy teachers working at public municipal schools in the city of Sinop, Mato Grosso in 2023. It is evident that linguistic prejudice

¹ Este artigo é um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E AS VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS NOS PRIMEIROS ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL NA CIDADE DE SINOP-MT” sob a orientação da Prof. Lenita Maria Korbes, Curso de Pedagogia, Faculdade de Ciências Humanas e Linguagem (FACHLIN) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Campus Universitário de Sinop, 2023/2.

² Resumo traduzido por Ana Beatriz de Carvalho Bazzo, graduada em Letras Português/Inglês pela Universidade do Estado do Mato Grosso (UNEMAT). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5561061394167145>. E-mail: bazzobia@gmail.com.

is present in the school environment, and a review of the practices to address the problem is necessary, however, they are scarce.

Keywords: Linguistic prejudice. Literacy. Teachin.

1 INTRODUÇÃO

Nosso país é composto por uma grande diversidade cultural e linguística, no qual cada região apresenta um dialeto diferente. Tomando como referência a diversidade cultural e linguística da composição da cidade de Sinop, é notório que as variações linguísticas se fazem presentes no cotidiano e pouco se conhece e se fala sobre essa temática. É notório que existem diversos tipos de preconceitos, porém o foco desta pesquisa é falar sobre preconceito linguístico. Não ter conhecimento sobre as variações linguísticas, pode acarretar em ideias pré-estabelecidas e julgamentos sobre o modo como o outro fala, para tanto, podemos definir tal ação como preconceito linguístico.

A escola é o principal caminho para apresentar essas variações linguísticas de forma pedagógica, principalmente nas aulas de língua portuguesa, ou quando houver oportunidade, por meio de alguma situação com os educandos. Em sala de aula, esse desafio cabe aos professores alfabetizadores: fazer essa mediação no processo de alfabetização. Nesse sentido, analisar a forma como as variações linguísticas são abordadas em sala de aula, em particular no período de alfabetização, e que lugar elas ocupam nos livros didáticos é fundamental, no sentido de suprimir futuros preconceitos linguísticos.

Portanto, o objetivo desse trabalho é analisar como os preconceitos linguísticos se apresentam no ensino e verificar quais ações são realizadas para a diminuição de tal prática.

A pesquisa foi realizada com professoras dos 2º e 3º anos do ensino fundamental, que atuam em escolas municipais de Sinop/MT, no ano de 2023. As entrevistas foram realizadas por meio de perguntas semiestruturadas, de cunho qualitativo. Após o material coletado, faz-se a discursão com os autores Bagno e Leite.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

As variações linguísticas se apresentam de forma natural, considerando as diversidades linguísticas que compõem nosso país. Para tanto, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN,1998), documento intitulado pelo Ministério da Educação (MEC), como instrumento de apoio nas etapas do ensino fundamental, auxiliando nas práticas pedagógicas da escola e de toda sua comunidade escolar, respeitando as especificidades de cada um, descrevem que:

A Língua Portuguesa, no Brasil, possui muitas variedades dialetais. Identificam-se geograficamente e socialmente as pessoas pela forma como falam. Mas há muitos preconceitos decorrentes do valor social relativo que é atribuído aos diferentes modos de falar: é muito comum considerar

as variedades linguísticas de menor prestígio como inferiores ou erradas. O problema do preconceito disseminado na sociedade em relação às falas dialetais deve ser enfrentado, na escola, como parte do objetivo educacional mais amplo de educação para o respeito à diferença (BRASIL, 1998, p.26).

Ressaltamos que a língua não é inerte e não se reduz apenas a gramática normativa, pois ela é viva e determinante para tornar o indivíduo um ser social. Por isso, salientamos que as variedades linguísticas devem ser abordadas de forma espontânea nas aulas de língua portuguesa nos anos iniciais do ensino fundamental, para que os alunos tenham pleno conhecimento das variedades dialetais existentes na nossa língua, que também se fazem presentes fora do ambiente escolar:

Ao contrário da norma padrão, que é tradicionalmente concebida como um produto homogêneo, como um jogo de armar em que todas as peças se encaixam perfeitamente umas nas outras, sem faltar nenhuma, a língua, na concepção dos sociolinguísticos, é intrinsecamente heterogênea, múltipla, variável, instável e está sempre em desconstrução e em reconstrução. Ao contrário de um produto pronto e acabado, de um monumento histórico feito de pedra e cimento, a língua é um processo, um fazer-se permanente e nunca concluído. A língua é uma atividade social, um trabalho coletivo, empreendido por todos os seus falantes, cada vez que eles se põem a interagir por meio da fala ou da escrita (Bagno, 2007, p. 36).

Nesse processo, é de suma importância a participação ativa da escola e dos professores, levando as crianças a compreenderem as variações linguísticas que existem e que práticas pedagógicas são desenvolvidas para contribuir no ensino/aprendizagem no período de alfabetização. Destaca-se aqui, a importância de que as relações sejam pautadas pelo respeito aos dialetos.

Falar de variações linguísticas torna-se um desafio pois, é uma temática que pouco se fala e se conhece, porém, ela é presente na nossa língua. Para Ferreira e Cardoso:

[...] falantes de uma mesma língua, mas de regiões diferentes, têm características linguísticas diversificadas e se pertencem a uma mesma região também não falam de uma mesma maneira tendo em vista os diferentes estratos sociais e as circunstâncias diversas da comunicação. Tudo isso deixa evidente a complexidade de um sistema linguístico e toda a variação nele contida (Ferreira; Cardoso, 1994, p.12).

É importante refletir sobre o papel da escola e dos educadores enquanto indivíduos falantes e com uma cultura predominante, como se estabelece as relações no ambiente escolar, este que é composto por diversidades culturais e linguísticas. Analisar como as ações pedagógicas e sociais são estabelecidas é fundamental principalmente no processo de alfabetização, que é o caminho para a aquisição da leitura e da escrita:

Sabe-se que a criança traz marcas da escrita a partir de sua história de interações cotidianas. Essas marcas constituem-se em conhecimentos sobre a linguagem escrita, tendo a oralidade

como referencial. A oralidade e a interação com o adulto parecem ser os fatores mais influentes na construção da escrita pela criança (Leite, 2003, p.63).

Para o autor, as relações que são construídas em sala são de suma importância, principalmente quando se trata da pluralidade da fala e o respeito por ela. Por essa razão é necessário ter o conhecimento sobre as variações linguísticas.

É notório que mesmo em um mundo globalizado, há muita ignorância em relação as variações linguísticas. Sempre que se fala sobre as variações linguísticas, estão associadas as classes sociais e regiões menos prestigiadas. A partir desses fatores, reconhecemos as deficiências presentes quanto aos conhecimentos relacionados a essa temática e o quanto há uma certa dominação por parte das classes que se consideram a elite da sociedade, e essas situações acarretam em preconceitos culturais e linguísticos

Por exemplo: para os falantes urbanos escolarizados, pronúncias como broco, ingrês, chicrete, pranta etc. são feias, erradas e toscas. Essa avaliação se prende essencialmente ao fato dessas pronúncias caracterizarem falantes socialmente desprestigiados (analfabetos, pobres, moradores da zona rural etc.). No entanto, a transformação do L em R nos encontros consonantais ocorreu amplamente na história da língua portuguesa (Bagno, 2007, p. 36).

Portanto, o autor não considera essa pronúncia como um erro, e sim, como algo que foi levado adiante, por pessoas que não tiveram a oportunidade de ir à escola e aprender sobre as novas regras da gramática normativa. Essa é uma questão social que deve ser entendida e não julgada. Em relação às crianças que convivem diariamente nesse contexto, é bem provável que irão desenvolver a fala de forma igual, porém, é necessário que nós, como indivíduos inseridos na sociedade, saibamos diferenciar uma fala regional advinda de uma língua viva, de erros do português.

Ignorância e preconceito andam juntos. De acordo com Weirich (2019), em sua pesquisa:

[...] Ficou demonstrado que ainda em ambiente altamente monitorado e de conhecimento científico elevado, ou seja, alto grau de escolarização, há práticas preconceituosas que vão muito além só do linguístico, que atingem e machucam as pessoas cujas falas são travestidas de uma superioridade ‘inexistente’ na tentativa de igualar a língua falada à língua padrão, o que já foi provado cientificamente ser impossível (Weirich, 2019, p. 12-13).

Diante disso, existem diversos tipos de preconceitos e uma constante luta em suprimi-los, porém, ao citar o preconceito linguístico, percebe-se que ele não está totalmente inserido nessa luta, uma vez que é praticado constantemente:

[...] Muito pelo contrário, o que vemos é esse preconceito ser alimentado diariamente em programas de televisão e de rádio, em colunas de jornal e revista, em livros e manuais que pretendem ensinar o que é “certo” e o que é “errado”, sem falar, é claro, nos instrumentos

tradicionais de ensino da língua: a gramática normativa e os livros didáticos (Bagno, 2015, p. 13).

De acordo com uma notícia publicada no portal do G1 notícias, em 2022, as regiões mais afetadas pelo preconceito linguístico, são as regiões Norte e Nordeste. Dentre elas, a que mais se destaca é o Nordeste, por ser vista como uma das regiões mais pobres do Brasil, visto que, o preconceito linguístico está sempre arraigado às classes sociais menos prestigiadas, e essa é uma questão enraizada dentro da cultura linguística. Porém, de acordo com Bagno (2007), é necessário que haja uma reeducação sociolinguística:

A reeducação sociolinguística é uma proposta de pedagogia da variação linguística que leva em conta as conquistas das ciências da linguagem mas, também, as dinâmicas sociais e culturais em que a língua está envolvida. Não é possível desprezar, em nome da ciência “pura”, as necessidades e os desejos (legítimos) dos falantes da língua. Mas também não é possível, em nome dessas necessidades e desejos, deixar as coisas como estão, dominadas por uma ideologia linguística autoritária e excludente (Bagno, 2007, p. 86).

Todavia, essa reeducação deve partir primeiramente do educador. Este que deve ter um apoio por parte da instituição enquanto lugar de formar cidadãos, e também dos materiais didáticos. Porém, deve exercer uma visão crítica que vá além do que traz os documentos e os livros didáticos, para isso, é importante conhecer a cultura e as especificidades de cada educando. Para tanto, é necessária uma desconstrução de que a norma padrão é a única forma “certa” de ser ensinada.

3 METODOLOGIA

O presente trabalho, de caráter científico, é uma pesquisa de abordagem qualitativa, com técnicas de entrevista semiestruturada, caracterizada por uma pesquisa de campo. A pesquisa foi realizada em duas escolas de uma área periférica da cidade de Sinop/MT. A escolha das escolas está ligada ao fato de estarem localizadas em bairros que mais concentram pessoas oriundas de outras regiões do Brasil. As entrevistas foram realizadas com quatro professoras atuantes nos primeiros anos do ensino fundamental, sendo duas do 2º ano e duas do 3º ano, no ano de 2023.

As professoras foram selecionadas por estarem atuando nos primeiros anos do ensino fundamental, e ao longo do trabalho, serão identificadas como professora A, professora B e assim sucessivamente.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste tópico, trata-se de discursões sobre as falas das professoras entrevistadas. A primeira pergunta teve como objetivo analisar o que as professoras compreendem por variação linguística.

1) O que você entende por variação linguística?

(01) Professora – A: Na minha visão essa variação linguística eu entendo que seria isso, por exemplo: uma criança que veio de outro estado e que tem assim, um sotaque diferenciado, igual eu, tenho parentes do Paraná e meu sobrinho tem todo um sotaque para falar leite. “Leite quente” (risadas) e seria isso, algumas palavras em específico da cultura daquele Estado.

(02) Professora – B: É o regionalismo. É que nosso país é muito grande é diverso e existe o que a gente pode chamar assim de poder dominante, que quando ele é o dominante ele não quer respeitar, mas isso não interfere. Existe sim, um polo que recebeu mais dinheiro, recebeu sim, mas isso não contrapõe que o Nordeste, que a forma de falar, não. Nossa quanta coisa boa tem no nordeste do Brasil e que agora com as tecnologias, não tem jeito de esconder, não tem! Por isso eu amo a tecnologia, é bom demais.

(03) Professora – C: Acho ela linda! Acho ela linda, ela pertence a um povo é uma característica, não deve ser mudado, não deve ser visto diferente com um olhar diferente, eu acredito que ela deve ser muito valorizada, é identidade é cultura.

(04) Professora – D: Os regionalismos que tem no nosso país tão grande, você já pensou se todo mundo falasse igual? Essas diferenças é que são maravilhosas para nós.

É visto, que as professoras têm conhecimento sobre a presença das variações linguísticas e cada uma trouxe uma abordagem diferente, porém, levando ao mesmo entendimento sobre essa temática. As professoras A, B e D, abordaram as variações linguísticas com uma visão mais voltada para um fator extralinguístico de origem geográfica. Fazendo um diálogo com Bagno (2007), o autor discorre que, na perspectiva da:

Origem geográfica: a língua varia de um lugar para o outro; assim, podemos investigar, por exemplo, a fala característica das diferentes regiões brasileiras, dos diferentes estados, de diferentes áreas geográficas dentro de um mesmo estado etc.; outro fator importante também é a origem rural ou urbana da pessoa (Bagno, 2007, p. 43).

Ainda em diálogo com o autor, a professora B, situou a questão socioeconômica e sua influência sobre as variações linguísticas. Bagno (2007, p. 43), aborda o “status socioeconômico: as pessoas que têm um nível de renda muito baixo não falam do mesmo modo das que têm um nível de renda médio ou muito alto, e vice-versa”. Deste modo o status socioeconômico também faz parte dos fatores sociais extralinguísticos, este que é objeto de estudo de vários sociolinguístas.

A professora C, apresenta o seu ponto de vista sobre a variação linguística, com um olhar de que a língua é heterogênea e viva, pois, ela pertence a indivíduos sociais. Para Bagno (2007, p. 38) “língua e sociedade estão indissolúvelmente entrelaçadas, entremeadas, uma influenciando a outra, uma constituindo a outra”. Deste modo, compreender os elementos da língua é também, conhecer uma determinada sociedade.

A segunda questão refere-se aos modos de fala e como esta se apresenta no ambiente escolar, no intuito de investigar se houve situações de indiferença e preconceito, sobre a fala.

2) Já presenciou em sala, discussões ou julgamentos sobre o modo como outro fala? Comente.

(05) Professora – A: Olha eu vou te falar, pelo que eu me lembre não. No momento eu não estou lembrada de alguma situação assim desse conflito, em relação a fala. Eu lembro que surgiu uma vez que a criança falou piá, e a outra criança achou que estava xingando, piá, eu me lembro que eu expliquei, que piá significa a mesma coisa que para nós menino, tem lugar que chama de guri. Deste fato eu lembro, nessa questão de piá, guri aí eu expliquei que era a mesma coisa que menino.

(06) Professora – B: Tem vezes que acontece, mas, a professora tem que fazer intervenção para não deixar e para valorizar essa diversidade, por que o dominante faz de tudo que todos sejam daquele modelo, e sabe que não é, mas para manter o ego dele, ele quer dominar e não, é a variedade, nós somos diversos, por sermos diversos cada um é de um jeito mas se contemplam.

(07) Professora – C: Às vezes eles não entendem, vamos pegar uma coisa muito simples, que é mandioca e macaxeira, que é uma coisa muito simples mas que traz uma discussão e várias abordagens. Na sala sempre surge, porque as vezes o brinquedo cada um conhece por um nome, agora a gente tá fazendo um resgate de brincadeiras e brinquedos infantis. Eu observo os nomes que algumas crianças dizem: não, não é isso professora o nome é tal, então a gente faz uma pesquisa e observa assiste vídeos, então na aula a gente consegue fazer essa transição. Olha eu conheço por esse nome e eu conheço por x nome, mas o objeto é o mesmo, então em locais diferentes, em algumas regiões do Brasil as situações são as mesmas mas com nomes diferentes, mas assim, como eles são muito pequenos e o conhecimento deles em relação a isso é pequeno a gente tem que abranger e ir muito além ainda, mas é um passo, acontece. Se você entrar na minha sala agora e perguntar para eles algumas situações, eles vão trazer para você.

(08) **Professora – D:** Não! Só quem tem essa bobagem é adulto, criança não tem não, pode ser que lá para o 6º e 7º ano isso aconteça, mais no meio dos pequenos a gente não vê.

De acordo com os dados citados, compreende-se que a maioria das professoras já vivenciaram situações em sala de aula, em que ocorrem discursões sobre as variadas formas de falas.

Diante dos relatos, é visto que a professora A e C, citaram momentos em que acontecem essas discussões sobre a fala e que ambas fizeram uma intervenção. Como havia relatado a professora B, que nesses momentos a intervenção é o principal caminho, para que não aconteça o preconceito linguístico. Como cita Bagno (2007), é necessário que haja uma pedagogia da variação linguística.

A terceira pergunta, buscou analisar como o fato de não conhecer as variações linguísticas, pode refletir diante da diversidade da fala.

3) Concorda com o fato de que a falta de conhecimento sobre as variações linguísticas gera o preconceito linguístico? Comente.

(09) **Professora – A:** Acredito sim, igual eu estou te falando esse meu aluno, que achou que estava xingando, é o piá, se a gente não ter uma conversa com essas crianças, trazer aquilo para reflexão, para o lado educacional mesmo, eles podem levar para o caso, de tipo, ele tá falando errado, que ele tá tirando sarro ou que ele tá até xingando, que seja. E aí se a gente trazer para a questão do diálogo, trazer para eles entenderem que é cultura, que são diferentes tipos de falas, eu acho que se a gente não tiver esse cuidado pode ocorrer más interpretações, pode ocorrer brigas entre os alunos, o aluno pode se sentir não incluso pelo modo como ele fala. Eu penso que nesse sentido.

(10) **Professora – B:** Gera! falta de respeito, assim: porque se você falar alguma palavra com algum x, algum s carregado e pesado não é dizer que a palavra está errada. A palavra errada é uma coisa e o som de fala ele é carregado ele é pesado, você vai lá o cuiabano, uma professora fez uma pesquisa, sobre esse “tchê” esse “tchê” que sai muito no cuiabano, ele já existia, veio lá de fora de outros países Portugal, Espanha, existia esse carregado que chegou aqui. Aí você vai no Rio de Janeiro é um chiado pesado, aqui nós temos uma professora do Amazonas, a fala dela é um pouco diferente. Eu sou mineira e tem hora que eu carrego assim, alguns sons e isso é da variedade linguística, mas isso não dá o direito de dizer que o outro está errado. E podemos falar diferente mas na hora da escrita vai está igual, não importa se é do sul, do norte, nordeste.

(11) **Professora – C:** Sempre. Sempre! Porque não é só pela fala é pela tonalidade, quando uma pessoa fala, você não vai observar o grafema, a fala, a escrita, você observa o tom, o sotaque, é o sotaque que traz essa diferença. Se chegar um gaúcho aqui e falar (de repente) eu entro e falo de repente, você entra e fala de repente, não é o de repente, é o som é como isso soa, é esse fonema que é diferente mas traz sim.

(12) **Professora – D:** Com certeza, na verdade quem não tem conhecimento de qualquer assunto, ele provoca preconceito, quando você não tem o conhecimento, você é ignorante. E isso é tão enraizado que eu sair do Piauí a mais de 40 anos e me sentir uma vez como uma pessoa sem pátria, tipo assim, eu fui para o Piauí em 2009, e chegando lá sair e alguém perguntou mas de onde você é? Você é daqui? Eu falei: sou daqui, mas você não fala igual. Ai tá mas meu deus, eu sou daqui. Em Sinop sofri aquele preconceito e assim, eu não sei mais que fala eu tenho, por que já andei por várias regiões e hoje estou aqui, mas o meu sotaque ainda é um pouco de lá.

Os relatos acima, apresentam as mesmas opiniões ao concordarem que a falta de conhecimento sobre as variações linguísticas, ocasionam sim o preconceito linguístico. Todas as entrevistadas já presenciaram ou vivenciaram situações em que o preconceito linguístico se faz presente. Para Bagno (2007):

A mais importante consequência social da variação foi o surgimento, na Antiguidade clássica, da noção de “erro” e, junto com ela, do preconceito contra as camadas sociais que falam de um modo diferente do prevista na norma-padrão. O que acaba englobando todos os falantes da língua, já que ninguém usa integralmente as regras padronizadas, muitas delas caídas em desuso e, por isso, estranhas ao falante comum (Bagno, 2007, p.86).

Portanto, diante dos relatos aqui apresentados, foi possível compreender que, quando surgem questões sobre as variações linguísticas, as docentes tentam trabalhar o conteúdo além do que está posto no livro didático e esse é um grande passo, pois, falar sobre as diferenças que existem nos modos de falas sem apontar dialetos “certos ou errados” é desafiador e simultaneamente enriquecedor, pois, estabelecer respeito em meio à tantas diversidades não é algo simples. A dimensão aqui abordada, está pautada em conhecer e entender essa temática, no intuito de suprimir preconceitos linguísticos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou verificar a presença do preconceito linguístico no ambiente escolar e quais práticas pedagógicas são desenvolvidas para suprimi-lo. Por meio da pesquisa, foi constatado que as docentes entrevistadas têm conhecimento sobre as variações linguísticas que se faz bastante presente no ambiente escolar. De acordo com as entrevistadas, ter crianças oriundas de outras regiões em sala auxilia nessa intermediação, pois, as questões surgem simultaneamente, por meio da fala e dos conhecimentos culturais distintos.

Portanto, o desafio das professoras alfabetizadoras se sucedeu em fazer essa intermediação: entre aquisição da leitura, da escrita e dos conhecimentos sobre as variações linguísticas, trazendo, assim, abordagens sobre as variações linguísticas e suprimindo preconceitos linguísticos. Além de alguns textos presentes no livro didático em relação à essa temática, as professoras relataram que as

vivências de diferentes culturas no mesmo ambiente contribuíram para o conhecimento dessa temática tão presente em nosso cotidiano. Para Bagno (2007, p. 34), por causa da mudança na concepção de ensino da língua, a variação linguística, como objeto e objetivo de ensino, veio para ficar [...].

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. 1.ed. São Paulo, Parábola Editorial, 2007.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. 49. ed. São Paulo, Loyola, 2007.

G1- O PORTAL DE NOTÍCIAS DA GLOBO. **G1 notícias**. Disponível em:

<https://g1.globo.com/pb/paraiba/la-vem-o-enem/2022/noticia/2022/09/12/variacoes-linguisticas-e-regionalismo-sao-temas-fortes-na-prova-do-enem-afirmam-professores.ghtml>. Acesso em: 05 nov. 2023.

LEITE, Sergio. **Alfabetização e letramento: Contribuições para as práticas pedagógicas**. 2 ed. Campinas, São Paulo: Komedi, 2003.

WEIRICH, Mayara. **Escolaridade e preconceito linguístico: Um estudo de caso no ambiente de pós-graduação**. 2019. Pós-Graduação *Strictu Sensu* em Letras (PPGLetras), na Faculdade de Educação e Linguagem (FAEL), da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Campus Universitário de Sinop, 2019/2.

AGRADECIMENTOS

Ao Programa de Residência Pedagógica- RP/CAPES/UNEMAT, vinculado à Pró-reitoria de Ensino de Graduação – PROEG da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT.

Recebido em: 1 de dezembro de 2023.

Aprovado em: 2 de julho de 2024.

Link/DOI: <https://periodicos.unemat.br/index.php/rep/article/view/11970>

¹ Graduanda em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade do Estado de Mato Grosso – Câmpus Universitário de Sinop, Faculdade de Ciências Humanas e Linguagem (FACHLIN), semestre 2023/2. Sinop, Mato Grosso, Brasil.

Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3653227917392258>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9415-3627>

E-mail: emanuelle.fontinele@unemat.br